

Amaro da Costa

Texto publicado no livro “Adelino Amaro da Costa, Escritos de Governo”, editado pelo IDL, Instituto Amaro da Costa

Parece fácil afirmar que a vida continua. Talvez, no entanto, não seja assim tão simples concebê-lo. Há valores que se não conseguem olvidar, acontecem certos pormenores que se não podem pôr de lado, aparecem determinadas vivências que se enraizam na própria vida; e tudo isto faz com que a existência pare um pouco e se crie um hiato de verdades, um vácuo de sentimentos e, sobretudo, uma angustiante saudade.

Mas, enfim, o caminhar é real, as chuvas repetem-se a molhar as consciências e, com ou sem cruz, avança-se para um destino. Pode-se é deixar ou não um rasto e esse conspícuo sinal averbará, ou não, um legado uma citação, uma história.

Adelino Amaro da Costa morreu. Partiu sem dizer adeus, num repente tenebroso, sem gravar um compromisso de continuidade, deixando um vazio incolor. Registou-se a sua obra, venerou-se a sua memória, aproveitou-se o seu conhecimento, gravou-se, em pedra, a sua existência. Agora avança-se, no quotidiano, com o luto em cinzento-claro, até atingir o tom esbranquiçado da gaivota que procura peixe em mar calmo.

É preciso continuar a viver, de facto, mas é fundamental ter bem em atenção o testamento da clarividência, ter bem em razão o testemunho da iniciativa, ter bem em coração o que se defendeu intransigentemente.

O legado político de Amaro da Costa sobreviverá à conjuntura e terá de se elevar à incondicionalidade, pois é um projecto de Estado, é uma realidade de causa próxima, é um conceito de existência da democracia.

O saudosismo da pessoa, para além do sofrimento e do confirmar uma fé que lhe alimentou a vida, só será real e objectivo, se transformado em palpável no seu desejo. A ideia particularizada da democracia-cristã, congregada num partido solidário, independente, consciente e personalizado, obeceava-o como objectivo político. A comunhão de inteligências, esforços, planos e vontades, retratados na coligação da maioria, entusiasmava-o como objectivo nacional. A responsabilidade e confrontação livres, a discussão aberta e plena, a liberdade de espírito em oportunidade, elevava-o como objectivo democrático. O jogo constante da atenção, a franquesa imediata da acção, e o espírito luzidio de confronto, desafiava-o como objectivo público.

A Democracia-Cristã perdeu um dirigente motor, onde o sentido da injeção da tática política flexível, dentro dum objectivo único, se tornava uma necessidade constante como executor atento e nunca falhado.

A Aliança Democrática perdeu um militante ardina, onde o sentido da obrigatoriedade de vencer com união, dentro de um objectivo nacional, se tornava um íman de congregação.

A Nação perdeu um português de futuro, onde o sentido do crescer e construir, dentro dum objectivo histórico, se tornava uma esperança e um descanso.

O Povo perdeu um irmão de carne, onde o sentido do viver, dentro de um objectivo cristão, se tornara uma realidade e uma cruz de fé.

Mas não sendo possível substituir Adelino Amaro da Costa (na vida, na política e na saudade) há que encontrar meios, procurando sistemas e não homens, para que a solução de continuidade criada afecte o menos possível a legalidade democrática e o porvir.

Manuel Pinto Machado